



Sendo nós uma família para os sem-família, muitas vezes nos perguntam se os nossos rapazes são órfãos. Não; a maior parte tem parentes. Só que a quantidade de nada lhes aproveita quando falta a qualidade.

FAMÍLIA

para os sem-família

Chama-se Vítor e veio muito pequenino para uma das nossas Casas. Do pai não se sabia; a mãe, uma pobre mulher com muitas cabeçadas dadas e sofridas. Uma história, infelizmente, vulgar.

Por volta dos dez anos, a mãe aparece com um homem com quem dizia ter casado e começa o rodeio ao pequeno. Ao tempo tudo eram rosas de que ainda não tinham surgido os espinhos. Mas eles adivinhavam-se. Prevenimo-la. Fizemos o que estava em nossa mão para a convencer da inconveniência de levar o filho. Que não. Que o marido gostava muito dele e estava decidido a perfilhá-lo. Tudo rosas; só rosas! E o Vítor foi.

Passaram anos. Nasceram outros filhos. O Vítor tornou-se um corpo estranho. Já adolescente, ele aparecia de vez em quando, não ainda definitivamente desiludido, mas escorraçado.

Não tardou que aquele arremedo de lar se desfizesse. Os pequeninos, entretanto nascidos, foram dispersos. O Vítor passou a andar por casa de tios; e depois, já a trabalhar na construção civil, morava num quartito e vivia à sua conta.

Vem a idade da tropa e o desemprego. Um tio a quem

ultimamente mais se amparara, vai para França. De novo uma total carência de estabilidade.

É então que o Vítor se volta para nós insistentemente como única amarra. Regressar, agora, aos vinte e um anos, é impensável. Vamos com ele dar uma volta pelos parentes, mas em parte alguma ele encontra lugar.

Sucede, entretanto, que é passado à reserva territorial e, assim, com a situação militar definida, se tornou mais fácil a obtenção de emprego. De novo a trabalhar em obras, a viver no seu antigo quartinho, é a situação do Vítor — um jovem com mãe, porventura pai carnal e um pai legal e muita outra família e, no entanto, efectivamente, sem ninguém.

Sendo nós uma família para os sem-família, muitas vezes nos perguntam se os nossos rapazes são órfãos. Não; a maior parte tem parentes. Só que a quantidade de nada lhes aproveita quando falta a qualidade.

E é aqui a grande lacuna dos quadros legais: por um lado a não consideração, linear, inequívoca, da dolorosa realidade que é a existência de famílias que não prestam, incapazes dos deveres inerentes ao direito natural de tutela que vem do

sangue; por outro lado, a extrema fragilidade na imputação de responsabilidades e na penalização de actos de sabotagem tais como o de que o Vítor foi vítima aos dez anos, como se os pais fossem donos discricionários dos filhos.

Ninguém mais do que Pai Américo prezou a Família.

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

● As férias são uma necessidade psicológica e um remédio necessário ao equilíbrio de quem vive anos e anos mergulhado em responsabilidades pesadas.

Como a peregrinação definida no programa era variada, convinha-me trazer uma carrinha. Esta necessidade foi pretexto para uma alegria muito grande e uma acalmia de espírito saborosíssima.

Noutro dia, um deles, inadvertidamente, bateu com a Peugeot contra a trazeira de outro veículo, partindo farol, farolim, guarda-lamas direito e parte da frente! Eu não podia vir assim com o carro. A vida, em Casa, decorre sempre à pressão e não houve tempo para programar, com folga, o concerto da carrinha.

Sexta-feira à tarde e a Peugeot amachucada. Chega o Joaquim, da tropa, chama o Luís Martinho, ambos serralheiros, e agarram-se com determinação ao veículo. Tiram o guarda-lamas, batem as chapas, colocam outro novo, endreitam a frente, confrontam, alinham..., dão tinta, betumam, lixam, tornam a pintar e às 10,30h de sábado a carrinha podia sair airosa e digna!

Eu tinha, em Lisboa, encontro marcado com um ar-

quitecto, às 11 horas. Contava isto, aqui no Porto, ao Júlio Mendes, e ele interrogava, exclamando: — Mas foi nas vossas oficinas!?!.. Foram os seus Rapazes!?! Olhe que lindo! Ponha isso no jornal. Olhe como eles são seus amigos! Como eles são capazes! Como se sacrificaram...!, etc., etc. O Júlio nunca mais findava às suas exclamações — como bom observador da vida da Obra da Rua. Os seus olhos largos, faiscando em vibração interior, encheram-me de optimismo.

A pressa com que saí de Casa, por causa do encontro marcado, perturbou-me o espírito e eu quase me não despedi dos Rapazes, ainda à volta do veículo! Um adeus furtivo, embora quente, de dentro do carro, com um aceno de mãos, teve a resposta de «boas férias».

Mal me vi dentro da Peugeot, bem arranjada, em direcção a Lisboa, senti a censura séria dos meus botões: — Olha como te despediste dos Rapazes! Eles que trabalharam até às tantas da noite e se levantaram cedo para saíres em ordem!...

O remorso de não ter exteriorizado a minha gratidão aos Rapazes, misturado embora

Cont. na 3.ª pág.

AQUI LISBOA!

«Ai das fortunas quando caem na mão de homenzinhos de sorte, sem preparação nem sentido da responsabilidade de as possuir! Como são nefandas! Como espalham a desgraça! Como geram o desespero! Como são, sobretudo e principalmente, vazias e arrogantes!» (Pai Américo)

Diríamos, para utilizar uma expressão popular, que continua o «regabofe» da delapidação dos dinheiros públicos em festas, banquetes e em manifestações de interesse muito discutível, a não ser numa visão de recolha de dividendos

políticos, de grupo ou de promoção pessoal, em ordem ao futuro. Entretanto, nas gazetas com secções mundanas, dá-se conta do dispêndio de milhares de contos em espectáculos de apresentação daquilo a que se convencionou chamar «debutantes» ou a pretexto de aniversários matalícios, casamentos e demais efemérides ou acontecimentos.

Mesmo nas classes menos abastadas todos querem botar figura e afirmar-se pela grandiosidade dos actos em que se encontram envolvidos, mesmo que isso lhes traga endividamentos

de difícil resgate. A simplicidade e a humildade parecem alheias aos critérios de hoje. Os exemplos dos poderosos, que gastam do que é seu ou é património de todos, convidam ao seguidismo das classes possidentes.

Quem se debruça sobre as necessidades reais do nosso País sabe bem que há estratos da população que vivem em condições precárias. Por outro lado, e é preciso insistir, há carências gritantes nos mais variados aspectos, desde a saú-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

MUDAS DE TRABALHO — Como é tradicional efectuaram-se as mudanças de trabalho.

Cá em Casa é assim: todos passam por tudo, efectuando tarefas que durante um ano são a sua ocupação. Há sempre os descontentes por causa de lhes calhar uma tarefa difícil, mas temos que aguentar, pois é nas dificuldades que o trabalho e o suor têm mais valor.

As mudas de trabalho, geralmente, são acompanhadas pelas de mesa, que, este ano, não se efectuaram devido à falta de tempo do chefe. Estas proporcionam mais familiaridade, porque uma mesa é composta de seis rapazes que formam uma equipa e as caras novas integram-se melhor na



A Justina e o Godinho cortam uma fatia do bolo de casamento, sob o olhar de Pai Américo.



Outra neta da Obra da Rua: Telma Carolina. Os pais: Carlos Alberto e Maria do Rosário.

nossa vida quando há um bom grupo de colegas e amigos; e chegamos até a realizar desafios de futebol entre mesas. É assim a rivalidade e a competitividade, saudáveis.

DESPORTO — Defrontámos em 11 de Outubro, a equipa Campo F. C. de Valongo.

O jogo não teve muita história e pelo resultado da prova, 7-2, não tivemos dificuldade em derrotar a simpática equipa sem potencial futebolístico para vencer o nosso plantel.

Desde a fundação da Casa do Gaiato de Paço de Sousa que o desporto é parte fundamental da nossa vida, até porque faz bem desenvolver o físico e ajuda a criar um clima de camaradagem entre nós.

Neste momento debatemo-nos com certas dificuldades de material desportivo; principalmente, redes para as balizas e bolas.

Se houver leitores amigos e interessados em nos ajudar, agradecemos desde já a boa vontade em minorarem esta carência dos nossos desportistas.

FOTOCOMPOSIÇÃO — Os dois rapazes que estão, actualmente, no sector de composição manual, começaram a aprendizagem na fotocomposição, aos sábados. É um grande passo que dão para o seu futuro profissional.

TELEVISÃO — Esteve, mais uma vez, entre nós, uma equipa de reportagem da RTP para gravar imagens destinadas ao programa «As Dez», já emitido em 23 de Outubro. Filmaram as nossas oficinas e, também, aspectos típicos da nossa Aldeia.

VISITAS — Continuam a visitar-nos muitas pessoas, especialmente aos fins-de-semana. Vêm com o seu farnel e querem conhecer-nos e passar conosco um bom domingo.

Embora o tempo não ajude, isso não impede de nos visitarem, o que é sempre bom porque vemos que as pessoas gostam da nossa Obra.

Venham! E aproveitem para conhecer a nossa bela Aldeia — e a nós também.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ela põe a mesa (o caldinho) a um rancho de filhos. E, por carências de vária ordem, não sabe dar um passo nos meandros da burocracia. Por isso, como viemos a saber (e abrimos caminho...), as crianças não recebiam abono de família, há muito tempo!

— *A gente não sabe tratar destas cousas...*

Quanto (ainda) por fazer em terras do interior — quanto mais do interior elas forem! Não só no capítulo abonos de família, mas noutros de interesse para as comunidades.

A mulher seguiu d'olhos risinhos e papéis na mão para a Casa do Povo (com antecipado recado à funcionária...), na companhia duma mãe solteira — testemunhando cidadania. Promoção social!

● Procura-mos uma Viúva que, em tempo, pelas circunstâncias muito específicas em que vegetava (mãe de vários doentes incuráveis), era um Cristo crucificado.

Remando contra toda a esperança, houve uma longa história até se conseguirem as pensões a que, por lei, têm direito. «Agora sou uma rainha...!» — disse, por fim, quando deferiram os benefícios. «Sou uma rainha...!»

O tempo passa. Os filhos crescem. Para ela, também a cruz dos mais saos.

— *O Senhor deu-me duas cruces, duas...! Não tenho filhos que m'ajudem: uns mais q'outros, têm todos um bocadinho da doença.*

Não precisa d'ir ao médico para saber o mal dos filhos!

— *Venho matar soidades. Desabafar e rezar à Pai Américo. O q'ele m'ajudou q'ando era mais nova...*

E continua:

— *Se não fosse isto (as pensões sociais), já todos teríamos morrido à fome, todos!*

A Viúva com «duas cruces» (os filhos mais e os menos doentes), que se considera uma rainha pelo bem que a promoveu da miséria (ou não fosse já tão doloroso o seu calvário!), despede-se com lágrimas de Vida, após uma romagem d'oração e agradecimento ao nosso comum amigo Pai Américo, pelo seu 99.º aniversário natalício.

Que não fosse mais, só com o gesto desta Viúva — na maior discreção — celebraríamos as vésperas do centenário de Pai Américo, em íntima ligação da terra com o Céu.

PARTILHA — Na cabeça da procissão, o bom amigo assinante n.º 20, do Porto, com um valioso cheque — dividido por vários sectores — cuja presença é um estímulo para nós outros e um alívio para os nossos Pobres.

A assinante 675, da capital, cumpre a promessa formulada: «É pouquinho, mas a verdade é que neste trimestre não consegui poupar mais». Esta poupança, para os Pobres, é uma grande riqueza!

Mais um vale de correio da assinante 27063. «Sempre que leio Pai Américo — que saudades!», desabafa a assinante 7769, do Porto; e manda uma gotinha «para se dividir com a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

A remessa habitual (mais recheada), do Fundão, e a intenção «de ajudar um Pobre a tolerar melhor o próximo frio com um cobertor». Muito bem! «Avó de Sintra»: um cheque na mão «para a Família do costume». Assinante 28966, da Ericeira, outro cheque reflectindo todo o amor de Mãe, devotada à doença dum filho muito querido.

Uma bolada de dez contos, da assinante 36082, da capital do Norte, «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»; os quais, acrescenta, «já os deveria ter mandado há muito tempo. Que Deus me perdoe». Um quadro vivo de solidariedade cristã!

O costume de Vila Franca das Naves. Vinte rands de Umbilo (África do Sul). A discreta oferta duma Amiga, do Porto, que aparece assiduamente — e vive as dores dos nossos Pobres.

Alto lá! Uma carta, da cidade Invicta, para ser lida com os olhos da alma:

«A nota que aqui vai (1.000\$00), destina-se ao Pobre mais necessitado. É dum jovem licenciado que m'a entregou e referiu que tinha ganho uma pequena importância sem contar, cheio de alegria!»

É bom sinal a preocupação dos jovens licenciados com a miséria dos Pobres. Eles são o amanhã de Portugal.

«Uma Viúva triste», do Porto, com 1.000\$00. Que o nosso Deus a reconforte.

Mais cinco contos dum Pároco, da Diocese de Braga, em absoluto anonimato. Assinante 27177, idem, «para se colmatar alguma carência entre os Irmãos pobres». A delicada e oportuna remessa da Rua dos Bombeiros Portugueses — Faro. «Uma migalha» de Santa Cruz do Douro (Baião), entre a pitoresca azáfama das vindimas. Por fim, a oferta do assinante 14473 e a de «dois amigos, um deles companheiro de desporto. Dêem-lhe o destino que entenderem, no âmbito da Conferência Vicentina, e lembrem-me nas vossas orações, para que possa crescer em humildade e desprendimento».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Com oito dias foi entregue à avó. Bastante doente, fez de mãe, pai e avó. Nos últimos tempos da sua vida contraiu uma doença incurável. A doença não a preocupava, mas sim o seu menino. O que seria dele quando ela faltasse?

A mãe nunca mais procurou o filho, ignorando-o por completo!

Em visita por aqueles lados, acompanhados por um dos nossos Padres, tivemos conhecimento do sofrimento e preocupação desta velhinha. Assim que nos vê transborda de alegria.

Agarra as mãos do Padre Telmo e, virada para a imagem de Cristo, exclama: «Louvado seja o Senhor!»

As nossas visitas são regulares e sempre que lá vamos diz: «Sinto-me cada vez mais fraca!»

O menino tem dez anos e há algum tempo atrás ficou sozinho — sem avó nem mãe. Uma tia prontificou-se a recolher o menino e a tratá-lo como filho, apesar das imensas dificuldades que têm. Hoje são eles a dizerem-nos que não conseguem tratá-lo como se propuseram e que o menino corre perigo: «O meu marido está doente. A mãe dele veio cá meter-se com cinco filhos doutro homem. As dificuldades aumentaram para todos». E continua: «Ela zangou-se com o homem com quem vivia e desfizeram a casa. Agora voltaram a reconciliar-se, mas não têm casa nem trabalho. Apareceu-me aqui a pedir que a deixasse ficar. Tive pena dos filhos que não têm culpa. E olhe: Ela e a filha mais velha dormem no chão, nestas espumas; os outros quatro, neste sofá. Ali, dorme o meu irmão. Tive de pôr o menino a dormir com o meu filho; e a minha filha, à nossa beira. O homem dela dorme, por esmola, em cima duns sacos aonde faz recados. Ela sem trabalho e dinheiro vai para a rua aonde julga ser mais fácil arranjar-lo. Muitas vezes temo que tirar do prato dos meus para dar a estas crianças. Não sei o que hei-de fazer à minha vida!»

TENHA O SEU POBRE — Os nossos tesouros andam preocupados. As despesas aumentam e o carrinho de rodas que foi para reparar ainda não está completamente pago, assim como a despesa com o funeral daquela menina que Deus chamou.

Bem haja a todos pela ajuda que nos dão.

José Alves

Miranda do Corvo

É a primeira vez que escrevo uma crónica para o nosso jornal.

Começo por narrar um pouco da minha história:

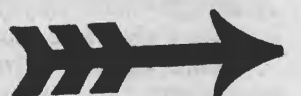
Quando era pequenino estive no Instituto Maternal de Coimbra. Feitos os seis anos, meus pais não apareceram para me levar.

Vim para esta nossa Casa do Gaiato. Tive uma vida normal até à adolescência. Mas, nesta altura, comecei a sofrer muitos problemas na vida.

Fiz o 8.º ano e vim para a nossa tipografia. Entretanto, fui-me embora, para arranjar outra vida...

Passai maus bocados. Só com a oração fui capaz de superar estes pontos críticos. Passado algum tempo comecei a arrepender-me de ter saído da nossa Casa, porque fora impossível arranjar uma colocação. Só Deus sabe quanto passei naqueles dias — sem família, sem amigos, simplesmente só!

Foi uma lição que levei fora das nossas portas: a miséria que tanto abunda nessas ruas; o desentendimento entre as pessoas; e o egoísmo...



Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

de à habitação, do saneamento às estruturas básicas das populações, com maior assento, claro, nas regiões do interior e nas gentes do sector primário. Os ordenados em atraso, pecado de bradar aos céus; a ausência de empregos; as faltas de verbas para instalações fundamentais no sector educacional e no campo da defesa dos direitos e segurança dos cidadãos são manifestamente conhecidas. As pensões e as reformas, pesem embora os aumentos recentemente sofridos, estão longe de satisfazer as mais elementares necessidades correntes. Por tudo isto voltamos de quando em vez à carga.

A ambição desmedida da maioria, para quem, infelizmente, só conta o bem-estar material; a obsessão de ter mais, única razão de viver para

Voltei. Vi que na Casa do Gaiato tinha amigos que me ajudavam porque estava perdido.

É para isso que as nossas Casas servem: para servir os rapazes rejeitados pela sociedade e para os ajudar a encontrarem-se na vida e, no futuro, sejam capazes de se integrar na sociedade que os rodeia.

Espero que cada um de nós seja capaz de reflectir antes de sair das nossas Casas, sempre que não esteja preparado para os problemas que vêm ao nosso encontro e para que não sejamos mais uma das muitas ovelhas perdidas.

TEMPOS LIVRES — Os mais velhos (aqueles que já não andam na escola e, nos fins da merenda, estão desocupados) estivemos reunidos para aproveitarmos o tempo livre. E resolvemos: Três estarão nas escolas, durante o tempo livre, a ver e a ensinar a fazer os deveres dos companheiros. Dois na cozinha a preparar o jantar. Mais dois vão tirar o leite e tratar do gado. Os outros ficam na sala da lareira, pois é muito aconchegada no Inverno.

Concluimos, então, como ponto alto, que a leitura faz desenvolver as nossas capacidades intelectuais. Muitos são aqueles que depois de sair da escola não pegam mais num livro para uma simples leitura.

Unidos, tivemos uma ideia: cada um fizesse uma leitura, meditasse e escrevesse alguma coisa sobre ela.

Os livros escolhidos são: *O Novo Testamento*, obras de Pai Américo (principalmente o *Cantinho dos Rapazes*) e outras edições da nossa Obra.

CATEQUESE — Já fizemos os preparativos para que a Catequese nos acompanhe na nossa vida. Constituímos sete grupos com cerca de 10 a 15 elementos cada um. Os senhores professores, uma filha e cinco rapazes mais velhos são os que organizam as aulas para que a nossa vida tenha mais sentido nos trabalhos, nas escolas, etc.

É preciso que cada um escute a Palavra de Deus — ensinada por Jesus.

Toninho

muitos; o consumismo desenfreado, à cômputa, como maneira de afirmação pessoal, constituem, por assim dizer, sintomas evidentes de um estado patológico geral que leva os homens à prática de injustiças e é fonte de mau estar social, pelas invejas, inimizades e conflitos gerados.

É preciso que os homens responsáveis se convençam de que são meros administradores dos bens públicos que lhes estão confiados, devendo exigir-se-lhes uma actuação escrupulosa, competente e devidamente hierarquizada, tendo em conta as necessidades vitais das populações, sobretudo das menos favorecidas. Manifestações sumptuosas, sem rendibilidade nitidamente geradora de bem-estar e de felicidade colectivas, devem ser totalmente banidas.

Aos homens ricos e poderosos, pelas posições que ocupam ou pelos teres, deve dizer-se, sobretudo se se intitulam cristãos, que o Senhor não proibiu nunca as riquezas, mas que o homem se tornasse escravo delas e que, com Santo Ambrósio, «nem toda a pobreza é santa, nem todas as riquezas são pecaminosas». As riquezas só são infiquas quando foram adquiridas injustamente ou são usadas no dessoramento do próprio homem. De qualquer modo, não podemos esquecer

que os dons recebidos por cada um, materiais ou culturais — a inteligência, o corpo ou a alma — bem assim todos os outros, são mera pertença de Deus e os seus detentores simples administradores, de que, a cada momento, podem ser chamados a prestar contas.

O que se condena são as festas afrontosas da dignidade dos Pobres, as orgias que desmoralizam e são fonte de revolta e fazem revoltados (Pai Américo) e as sumptuosidades escandalosas, com o esquecimento dos mais desfavorecidos, numa insensibilidade gritante que nem as migalhas deixa para os miseráveis e esfomeados.

Será bom, para terminar, fazê-lo com palavras de Pai Américo, que se autoconsiderou mais apóstolo dos ricos do que dos pobres. Ei-las: «A maior parte dos homens de fortuna não querem considerar a tremenda responsabilidade dos seus bens, ocupados como andam com o problema de os acumular, em vez de pensarem a sério noutra muito mais grave, que é o do bem distribuir. A ninguém mandou Jesus acumular riquezas na Terra! Para consolidar fortunas, muitos homens passam por cima dos Pobres, sem respeito nem coracção e, na pressa que levam, nem sequer reparam que eles são seus irmãos. Oh, quão difícil não é entrar um rico no Reino dos Céus! — diz o Evangelho».

Padre Luiz

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

com a alegria que a sua dedicação me havia proporcionado, só se calará quando eles lerem a confissão que vai nesta nota.

● Escrevo do Calvário onde me propus vir passar algum tempo.

O ambiente natural, artisticamente aproveitado pelo Padre Baptista, é de uma beleza surpreendente em todos os períodos do ano, mas muito especialmente nesta quadra outonal. O ambiente humano observado com olhos de fé e espírito não sobrecarregado, ultrapassa infinitamente toda a beleza natural envolvente. Cada Doente é um monumento de Mensagem, de humanidade, de humildade, de bondade, de verdade, de ternura... Mas uma Mensagem que nos entra dentro, quase sem querermos, e nos obriga a acreditar. É uma Mensagem de ternura cativante que nos impele a uma Acção de Graças contínua pela saúde que gozamos e a um gosto de os servirmos e nos servirmos do seu serviço para servirmos o Rei dos Reis.

O Calvário é um deslumbramento sobrenatural que precisa de ser continuamente descoberto por aqueles e aquelas que se propuseram vi-

ver seriamente a sua fé no Caminho do Gólgota, tal o peso da cruz que cada um carrega.

O Calvário é a única resposta irrefutável ao materialismo do nosso tempo e o aniquilamento do ateísmo feroz que invade uma grande parte do ser interior dos cristãos.

A lição de serviço evangélico que os Doentes me dão na sua ajuda mútua e em todas as necessidades orgânicas da comunidade, revela-me a autêntica figura do Nazareno — humilde, escondido, conformado, amoroso e confiante. Ver o Calvário é ver Nazaré!

Padre Acílio

Lar Operário em Lamego

A casa do Luís, da mãe e dos irmãos não é assunto arrumado. Concordamos que não seja motivo para grandes «cimeiras», nem «encontros de alto nível». A questão é importante, pois trata-se de agasalhar uma família, de unir irmãos, entre si, com a mãe. Isto é verdade, mas tem de se resolver com simplicidade evangélica. A Lei é única e sem parágrafos nem alíneas: Amai-vos uns aos outros e fazei o que gostaríeis que vos fizessem.

O terreno escolhido para a casa fica um pouco distante da estrada; não se pode ir descarregar lá directamente os materiais. Os tijolos, o cimento, a areia e outros artigos têm de ser transportados às costas ou, quando muito, em algum tractor cheio de boa vontade e a dar-se bem com maus caminhos.

Nas férias, o Luís e os irmãos andaram por aqui e por ali, e nada resolveram. Agora, começaram as actividades escolares e falta a oportunidade. Com a mãe não se pode contar...

Todos queremos que se levante a casa do Luís, da mãe e dos irmãos e pensamos a sério no tractor.

São mais umas centenas de escudos que certamente não vão faltar. O amor é invencível, forte como a morte, e descobre processos que não entram em gabinetes de cientistas. Faltará a estrada, o caminho será mau, haverá um ou outro tímido, mas os materiais hão-de juntar-se e constituir um todo que agasalhe aqueles nossos irmãos.

Padre Duarte

7.º CONVÍVIO ANUAL dos Gaiatos de Malanje

Já lá vão sete anos quando, pela primeira vez, um pequeno grupo se reuniu para um convívio fraterno dos malanjinos. A ideia criou raízes e no dia 4 de Outubro, na bonita cidade de Tomar, o sétimo convívio anual ultrapassou a meia centena de pessoas, entre gaiatos, esposas e filhos.

O ramo de oliveira tem um símbolo importante na família cristã e nós, por mero acaso, também tivemos o nosso almoço de confraternização num olival, à sombra dessa bonita árvore.

As 11 horas começaram a soar as primeiras palmadas nas costas e, assim, iam-se queimando as saudades do último encontro.

O Padre Telmo não esqueceu os seus filhos e comprou os refrigerantes que as senhoras e crianças tanto apreciam.

O Tomás, o Pedro e a esposa do Nelo assaram os trinta frangos. E iniciámos o almoço com um aperitivo de chouriço assado e cerveja fresquinha que o Falcão se lembrou de levar. Depois, frango assado com o vinho de Paço de Sousa.

O Júlio da Silva tocava harmónio; e enquanto a esposa

do Nelo cantava, as mulheres, crianças, rapazes e Padre Telmo faziam roda para fazer a digestão.

Um pequeno grupo, longe do barulho da música, lembrava a Casa do Gaiato de Malanje e ouviu o Quim dizer: — Quando cheguei a Culamuxito até chorei porque aquilo era uma selva; mas, quando de lá parti, também chorei porque deixava para trás uma Aldeia bonita.

Hora de oração. Santa Missa e silêncio. Na homilia, o Padre Telmo realçou o valor da Família, de Pai Américo e da Obra da Rua. Reflectimos um pouco no centenário do nascimento de Pai Américo.

Seguidamente, houve uma pequena reunião em que o Pedro e o Falcão, mais uma vez, demonstraram que estes encontros têm de continuar. O Melo e o Tavares também apoiaram e ficámos todos de acordo.

Ao fim da tarde, houve uma pequena merenda de despedida. Aqui, as nossas esposas testemunharam o espírito de família e trouxeram bolos que não desejavam levar para casa. O Nelo e a esposa não queriam também levar o vinho

que trouxeram e passavam constantemente a oferecer o seu belo tinto.

Chegou a hora pior, que ninguém desejava. O Octávio e família partem para Coimbra levando uma mensagem de agradecimento à cidade dos doutores. Na carrinha de Paço de Sousa, o Júlio da Silva, Fernando Dias, Quim, Tavares, Nelo, João Mourato e famílias com uma flor para o túmulo de Pai Américo. O Zé vai com a esposa até Vila do Conde e, na passagem por Azurara, vão lembrar-se da Obra da Rua. Para Lisboa segue o Padre Telmo, Manuel «Barrigas», Manuel Afonso, Tomás e Falcão, com as esposas e filhos, dizendo à capital que também somos família. Para Setúbal, o Pedro e o «Melo» com a respectiva família e um recado às gentes do Sado que Pai Américo está bem vivo dentro de nós. Eu vou até Vendas Novas.

Penso nas lágrimas invíveis que correram para o rio Nabão até que venham formar-se em chuva fresquinha para cair nas nossas cabeças e avivar a memória para que o próximo

Cont. na 4.ª pág.

NOTAS DA QUINZENA

● Também me comovi e tive pena do menino ao ouvir pelo telefone a descrição do caso. Mais um entre milhares, produto, entre outras causas, sobretudo, da falta de amor.

Mas, eis:

A mãe ainda nas estradas deste país de sol e mar. O pai não assumiu. O menino, carente de tudo, começou a partir vidros e a roubar pequenas coisas, mais para se tornar notado e compensar o vazio que a falta de amor vai cavando. Cada vez mais fundo!, os moradores do bairro começam a ter medo que seus filhos caiam nele... e, também, a olhá-lo de revés.

Tudo em ordem no bairro iluminado: De dia, as creches, as escolas, os jardins e as mamãs; de noite, o carinho dos pais, as salinhas-de-estar bem confortáveis, os quartinhos dos brinquedos e do estudo. Isto é

lindo e é um bem! Só que este bem é um longe-inaccessível para o nosso João... Chama-se João.

O pai não o quis. A mãe não o quer. O seu bairro iluminado tem-lhe medo.

Vive isolado no seu dia! Apenas notado quando faz uma traquinice. Somente a noite o acometida em seus sonhos de menino...

Horrorosa, para uma dona de casa, a atitude do João ao cortar-lhe uma rosa do jardim e a esmagá-la na mão! A rosa não lhe diz nada... Nunca alguém plantou uma flor no seu coração!

Os filhos são um dom — de Deus, dos pais, da vida! — se nascidos dum acto de amor. Quando falta o amor serão mais um produto que, muitas vezes, se vende, prende ou mata... Como fruto duma proveta de metal.

O bairro denunciou o João ao Curador de Menores. O Tribunal de Menores mandou-nos um officio. O que, porém, me comoveu, foi o interesse e o carinho da professora do João a pedir que o tomássemos como filho.

Uma luzinha aparece neste

embrião de amor! Assim o botão de rosa alba ao sol da nossa família.

● Um empresário brasileiro bateu à nossa porta. Quería ver a Aldeia e estar um dia connosco. Viu e esteve. Observou tudo. Falou com os rapazes. Comeu o caldo e o conduto na «lôuça» de alumínio.

— Fiquei encantado! — disse no fim. E mais: Que ele e mais empresários estavam pensando patrocinar uma Aldeia de Rapazes na cidade de S. Paulo.

Que dinheiro e quinta não faltam.

Que gente...

— Têm pessoas com vocação, capazes de amar as crianças até às últimas consequências? Sem amor... sem sol não abrigam os botões de rosa.

Sorriu e concordou plenamente.

— Sabe? — continuou — são quinhentas mil crianças ao «Deus dará»; temos isto dentro do peito, mas, de facto, não sabemos como começar...

— O «isso» dentro do peito já é um bem formidável! Pode ser mesmo o primeiro passo. Mas quem dará os outros? Pensem bem!

Levou os livros todos do nosso Pai Américo.

«O vento sopra onde quer; ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai.»

Se tivermos fé, um calhau pode ser pão!

Padre Telmo

FAMÍLIA para os sem-família

Cont. da 1.ª pág.

Tanto que foi por ela que modelou a sua Obra. Tanto que está na nossa tradição mais antiga, ajudar as famílias que nos pedem que recebamos um membro quando a carência é apenas de pão. É certo que quase sempre lhe poderíamos proporcionar um futuro com mais nível; mas, ainda assim, se a família é capaz, ninguém melhor do que ela para fazer do filho um homem de bem. Porém, são tantas as que não merecem qualquer garantia de o fazerem que, para maior segurança dos menores, seria conveniente uma estrutura jurídica que desse a sua confiança às Instituições vocacionadas para as crianças e jovens orinudos de famílias naquelas condições, de modo que só no foro judicial, mediante acção posta caso a caso, os parentes pudessem impugnar a permanência dos menores nas Instituições. Infelizmente é ao contrário que o problema se põe. E tal como é, seria preciso em cada Instituição um serviço de contencioso que não está no âmbito nem no espírito da maioria delas.

O caso do Vítor é apenas uma ilustração de muitos

semelhantes que em todas as nossas Casas e em todos os momentos são fonte de preocupação e nos obrigam a um esforço desgastante na defesa dos rapazes, do que deveríamos estar dispensados.

Enquanto for este desacerto entre os Serviços Jurisdicionais de Menores e as Instituições de Assistência aos mesmos, quanto trabalho perdido, quantas desilusões acumuladas! E, pior, quantos marginais produzidos que podiam ser evitados!

Padre Carlos

7.º Encontro Anual dos Gaiatos de Malanje

Cont. da 3.ª pág.

ano tenhamos muitas saudades e a lágrima invisível volte para um outro rio à nossa escolha.

— Ó avô não tens nada para mim? — dizia um dos nossos filhos ao Padre Telmo, que lhe dá um beijo e afaga a cabeça.

Muito obrigado Padre Telmo. É mesmo avô e temos muito prazer que chegue a bisavô.

Para terminar, vamos reflectir no homem (Pai Américo), que quando aparecia em público vestia a sua batina preta e trazia no coração as medalhas ganhas nas lixeiras do nosso País. Eram feitas de Lixo e hoje são de platina.

Manuel Fernandes

Não posso ficar indiferente. Não quero meter «cunhas» a ninguém.

Quem quiser que venha confirmar...»

Estão os cinco meninos à espera. Só lá é que eram colónias. E agora cá? Que havemos de chamar a estes bairros e a estes aglomerados de gente?

Padre Horácio

ÁFRICA

2 de Novembro de 1963. Partimos de Lisboa, rumo a Angola, no barquito «Rita Maria». Um sonho de Pai Américo que se tornou realidade, sete anos após sua partida para o Seio do Pai. A Obra da Rua estendia seus ramos sobre África e fundava duas Aldeias — Casas do Gaiato — em Angola.

Cumpria-se, então, a Palavra: — Quando eu morrer é que a Obra vai crescer. Pai Américo sentia-se instrumento. Sabia que a Obra da Rua não era dele — se o fossé teria desaparecido com a sua morte. É Obra de Deus realizada pelos homens. Por isso não acabou. Por isso continua presente em Angola; não no espaço físico que eram as Casas do Gaiato, mas no coração de muitos que por elas passaram. Está viva nos seus Rapazes espalhados por aquela terra querida. Está viva na alma dos Pobres esfarapados e humilhados que olhavam para ela como tábuas de salvação.

O Valter morreu em combate. O José Maria foi abatido com um tiro. O Muva passa fome e não há remédios para a sua doença. Os Pobres choram a sua ausência. Faltou-lhes o pai. Foram notícias da última hora escritas em papel de carta. Mais esta: Pai Américo, teus filhos esperam por ti.

O 2 de Novembro de 1963 está tão vivo como o 2 de Novembro de 1986.

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Há tempos, o Governador Civil de Coimbra reuniu com as autoridades policiais e administrativas para lhe apresentar o problema da prostituição e da mendicância nas ruas da cidade.

Analysaram a situação e tomaram conta de que algumas ruas são um autêntico flagelo. Durante algum tempo este flagelo era só em poucos lugares, especialmente à noite. Agora é a todas as horas do dia e alastrou-se à maior parte da Baixa.

Tornou-se oferta descarada e provocadora.

O público foi-se apercebendo e houve reacções de honestidade. Os comerciantes das zonas mais atingidas também se queixaram.

As autoridades decidiram agir: Identificando e detendo, se necessário.

Não sabemos quais os resultados. Ainda é cedo. Já há, pelo menos, um alerta. Há dias vi um agente da policia a identificar uma mulher. Juntaram-se logo alguns homens e o agente mandou-os retirar. Houve reacção de palavras dos mesmos. Estava perto outro agente. Os homens, pela aparência, eram homens caídos. Segui o meu caminho, contente por este sinal interpellador. Com esperança que se atenuem o mal.

Outro dia, também naquela zona, perguntaram-me que fariam alguns pais de crianças que as conservam todo dia junto de si, sem elas chorarem. Nos rebates das portas, com as criancinhas ao colo ou sentadas, todo o dia estão de mão estendida a pedir a quem entra ou a quem passa. É também negócio.

São flagelos. Voltam a ser flagelos do nosso tempo. Ajudemos a tratar. Não com a nossa compaixão. Mas sim com o nosso amor.

■ Ontem tive de fazer uma viagem em autocarro na estrada nacional. Em alguns lugares lá estavam os cartazes: algumas mulheres sentadas, de pernas nuas; outras, de pé, misturadas na fumaça do cigarro, com a maleta ao ombro, prontas a seguir com o primeiro.

Mais flagelos! Há sempre quem gaste e quem flagele ainda mais.

■ Ao chegar a casa encontro carta duma professora primária a dizer assim:

«O senhor padre já teve oportunidade de verificar com seus próprios olhos a miséria que vai naquele bairro. Os brancos que trouxeram estas mulheres negras (e alguns deles mais do que uma) são todos eles ido-

sos e não têm a preocupação de criarem os filhos que numa e noutra vão fazendo. Elas, por sua vez, mal falam português, vão aceitando os filhos talvez com naturalidade ou revolta, não sei bem. Encostam-se à Assistência. A tuberculose vai aparecendo por lá.

Arranjar trabalho e ocupação para aquelas mulheres (que são ainda jovens) não se consegue, pois, por natureza, são todas elas mandrionas.

O alcoolismo, a prostituição (há sempre quem se aproveite da miséria dos outros) é o que com mais fartura se acha naquele bairro.

Agora diga-me: Eu que estive em África, que sofri quando me mandaram embora da minha terra, que ainda hoje sofro com saudades dela, como se sentirá esta gente?



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Outubro: 61.747 exemplares.